

Makahannyaharamitsu – A Realização da Grande Sabedoria de Buda

(Eihei Dogen Zenji)

Quando Kanzeon Bodisatva¹ experimentou e compreendeu a verdade por meio de *prajñāpāramitā*², percebeu que a existência é formada pelos cinco *skandhas*³:

1. *Rūpa* – termo genérico para matéria;
2. *Vedanā* – percepção;
3. *Samjñā* – conceitos mentais ou ideias;
4. *Samskara* – vontade;
5. *Vijnāna* – consciência.

Quando os cinco *skandhas* (matéria, percepção, conceitos mentais, vontade e consciência) são observados por meio de *prajna*, você percebe o vazio. Mediante essa observação, você descobrirá que os *skandhas* são vazios – cada *skandha* se origina e se separa em *prajna*.

Quando você compreende isso, é capaz de compreender a expressão “Forma é vazio. Vazio é forma.” (linha famosa do *Shingyō*⁴). Forma é forma. Vazio é vazio. São as 100 gramas e todos os fenômenos. *Prajñāpāramitā* pode ser entendida como os 12 ou 18 métodos de análise: os 12 são olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo, mente, forma, cheiro, som, paladar, sensação e razão. Os 18 são esses 12 mais as seis percepções: visual, auditiva, olfativa, gustativa, tátil e mental.

Há quatro formas de *Prajñāpāramitā*:

1. Todas as coisas são sofrimento;
2. A causa do sofrimento;
3. A destruição do sofrimento;
4. O Caminho em Oito.

¹ Bodisatva da Compaixão.

² Sabedoria suprema, que leva de uma margem à outra.

³ Todos os elementos físicos e mentais são classificados em cinco espécies de agregados.

⁴ Sutra do Coração da Grande Sabedoria Completa (Makahannyaharamita Shingyō).

Há seis ações de um Bodisatva⁵, chamadas os seis *Paramitas*⁶:

1. *Dāna* – dar;
2. *Sila* – preceitos;
3. *Ksānti* – observância;
4. *Virya* – esforço;
5. *Dhyāna* – meditação;
6. *Prajna* – sabedoria.

Em *prajñāpāramitā*, há três formas de compreensão temporal: passado, futuro e presente; seis espécies de conhecimento físico e espiritual, baseados na terra, água, fogo, vento, ar, mente; e quatro compreensões das ações da vida diária: ir, ficar, sentar, deitar. Cada e toda *prajñāpāramitā* é atualizada no eterno presente, isto é, iluminação suprema e perfeita.

Na sanga de Xaquiamuni, havia um monge que estava constantemente absorvido com a questão de *prajna*. Ele secretamente pensou:

“Eu respeito a profunda *prajñāpāramitā*. Seus méritos são expressos pelos cinco aspectos do *dharmakaya*: preceitos, contemplação, sabedoria, imparcialidade (diferenciação-separação) e compreensão intelectual baseadas em imparcialidade. Há a prática *Hinayana*⁷ dos quatro estágios:

1. *Sotāpanna* – abandono de pontos de vista falsos;
2. *Sakadāgāmin* – estágio de apenas mais um nascimento antes de Nirvana;
3. *Anāgāmin* – estágio de não voltar a este mundo;
4. *Srāvaka* – iluminação por ouvir o ensinamento de Buda.

Também sei sobre *pratyekabudayana*, o veículo da iluminação solitária, o veículo do Bodisatva, iluminação suprema, os Três Tesouros, o rodar da Roda da Lei e o voto de salvar todos os seres.”

Xaquiamuni percebeu o que o monge secretamente pensava e lhe disse:

“O que você está pensando é correto. Entretanto, a profunda *prajñāpāramitā*

⁵ *Bodhi* = iluminação, *satva* = ser. Ideal do budismo Mahayana, praticante que enfatiza a iluminação de todos os outros seres antes da sua.

⁶ *Paramita*, *Haramita* ou *Higan* significa atravessar, chegar à outra margem, e também é um termo usado como completude, perfeição.

⁷ Literalmente “pequeno veículo”, hoje representada pela escola Theravada (o Caminho dos Antigos).

nunca poderá ser penetrada ou analisada pelo seu intelecto.”

O monge tinha respeito por toda sorte de fenômenos, especialmente pela *prajna* que revela o mundo de vida e morte. Quando realmente respeitamos *prajna*, ela se manifesta. Isso é o que chamamos de preceitos, *sāmadhi*⁸, penetração (insight) e o voto de salvar todos os seres. Em outras palavras, nós chamamos a esse uno – o nada. Surge de acordo com o princípio acima. É chamada *prajnāpāramitā* – extremamente profunda, sutil e sem medida.

Um dia, Indra⁹ perguntou a Subhūti¹⁰:

“Ó Virtuoso! Se um Bodisatva ou Mahasatva¹¹ desejar aprender a profunda *prajnāpāramitā*, como deve se aproximar?”

Subhūti respondeu:

“Ó Indra! Se o Bodisatva ou Mahasatva deseja aprender *prajnāpāramitā*, ele precisa aprender o vazio. Aprender *prajnā* é aprender o vazio e aprender o vazio é aprender *prajnā*.”

Indra, então, disse a Buda:

“Ó Honrado do Mundo! Como podem homens e mulheres devotos discípulos preservar corretamente a profunda *prajnāpāramitā* que receberam e a proclamar a outros? Por favor, tenha compaixão e nos mostre o caminho certo.”

Mas Subhūti respondeu em lugar de Buda:

“Ó Indra! É possível proteger completamente o Dharma?”

Indra afirmou:

“Não, ó Virtuoso, não é possível. Não consigo encontrar nenhum modo seguro de fazê-lo.”

⁸ Estado de meditação profunda, transcendendo a dualidade.

⁹ No hinduísmo, Indra é o soberano dos deuses, o líder dos devas, o deus da guerra, do trovão e das tempestades, o maior de todos os guerreiros, o mais forte de todos os seres, o defensor dos deuses e da bondade contra as forças do mal.

¹⁰ Um dos dez grandes discípulos de Buda; o que teve melhor conhecimento de *sūnyata* (vazio).

¹¹ *Maha* = grande, *satva* = ser.

Subhūti, então, disse:

“Ó Indra! Se homens e mulheres devotos discípulos seguirem o ensinamento, *prajñāpāramitā* protegerá o Darma e este nunca se partirá. Devemos saber que todos os seres humanos procuram *prajñāpāramitā* e, se você pensar que a perdeu quando começou a procurar, nunca a encontrará. Ó Indra! Se quiser preservar o Darma, você precisa seguir o ensinamento de Buda. Não há diferença entre *prajñāpāramitā*, Bodisatvas e o vazio.”

Aqui precisamos saber que receber, ler e cantar os sutras usando a cognição racional protege e preserva *prajñā*. Proteger é receber, ler e cantar.

Meu antigo mestre disse certa vez:

O corpo inteiro é a boca

Pendurada no ar

Não importa em que direção o vento sopra – norte, sul, leste, oeste

A campainha da mente sempre soa prajñā: rin, rin, rin

Este é o som de *prajñā* na transmissão de geração a geração dos Budas e Ancestrais, no corpo inteiro do ser e dos outros, no norte, no sul, no leste e no oeste.

Xaquiamuni certa vez disse a Subhūti:

“Todos os seres devem respeitar e reverenciar *prajñāpāramitā* da mesma forma que os Budas o têm feito. Cada vez que considerar *prajñāpāramitā*, pense nela como uma reverência a Buda. Por quê? Porque *prajñāpāramitā* não é diferente de Buda e vice-versa. *Prajñāpāramitā* é Buda, e Buda é *prajñāpāramitā*. Ó Subhūti, não é verdade que a iluminação do Tathagata¹² vem da *prajñāpāramitā*? Ainda mais, Bodisatvas, Mahasatvas, Pratyekabudas¹³, Arhats¹⁴ e os que atingiram *anāgāmin*, *sakādāgamin* e *sotāpanna*, todos vieram de *prajñāpāramitā*. E até mesmo as dez boas ações¹⁵, os quatro tipos de meditação¹⁶, as quatro espécies de meditação no vazio¹⁷ e

¹² Um dos epítetos de Buda, usado nas escrituras quando ele se refere a si mesmo. Costuma ser traduzido como “aquele que vem e que vai do assim-como-é”. É aquele que transcendeu todo ir e vir, todos os fenômenos transitórios; aquele que encontrou a verdade.

¹³ Aquele que atinge a iluminação sozinho, sem professor.

¹⁴ Arhat ou Aracã, ideal do budismo Theravada, praticante cuja ênfase é a autoiluminação.

¹⁵ Abster-se de matar, roubar, cometer adultério, mentir, usar linguagem imoral, caluniar, insultar outros, cobiçar, ter raiva, se prender a pontos de vista falsos.

os cinco miraculosos poderes dos deuses¹⁸ vêm de *prajñāpāramitā*.”

Logo, todos os Budas são nada além de *prajñāpāramitā*.

Prajñāpāramitā é o inteiro Darma budista, e esse Darma é a forma do vazio – não criação, não destruição, nada puro ou impuro, nada aumentando ou diminuindo. A manifestação de *prajñāpāramitā* é a manifestação de Buda. Se você procura a verdade, saberá que honrar *prajñāpāramitā* é encontrar Buda, e você não pode dizer que o tenha verdadeiramente encontrado se não o servir.

Isto foi entregue aos monges de Kannondōri-in durante o treinamento de verão de 1233 e transcrito por Ejō nos aposentos do discípulo-chefe em 21 de março de 1244, em Kippōji, na Prefeitura de Fukui.

Tradução da Monja Coen, baseada nos textos em inglês do Shobogenzo traduzidos do japonês em três edições diferentes pelos seguintes professores: Kosen Nishiyama, Yuho Yokoi e Gudo Nishijima.

Revisão final: Andrea Caitano (junho de 2011).

¹⁶ Os quatro tipos de meditação sistematicamente purificam e clarificam a mente e levam a renascer no paraíso de diana. O termo diana (do sânscrito *dhyāna*), equivalente ao termo japonês *zen*, refere-se a um estado meditativo ou a um estado absorto da mente trazido pela meditação. Há quatro estados de absorção, ou quatro dianas. No primeiro, ocorre a libertação de paixões, desejos e pensamentos prejudiciais, e obtém-se um interesse jovial e uma sensação de bem-estar. No segundo, a atividade intelectual cessa e é substituída por tranquilidade e mente focada. O interesse jovial e a sensação de bem-estar ainda estão presentes. No terceiro, a alegria cessa e é substituída por equanimidade. No quarto, todas as sensações cessam e apenas a mente plena de equanimidade permanece.

¹⁷ Ilimitado vazio, ilimitada consciência, vazio além da consciência, puro vazio não conceitual.

¹⁸ Olhos e ouvidos, clarividência, lembrança de vidas passadas e total liberdade de ação.